

ENTRELAÇOS: CRUZANDO FIOS ENTRE O BISPO DO ROSÁRIO E AS CRIANÇAS

INTERTWINING: CROSSING THREADS BETWEEN BISPO DO ROSÁRIO AND THE CHILDREN

Helena Pereira Barboza¹⁹⁷

Margarete Sacht Góes¹⁹⁸

Julia Rocha¹⁹⁹

RESUMO

Este texto reflete sobre a importância do ensino da arte na educação infantil e a formação de arte/educadores, analisando uma experiência de oficina realizada na UMEI Tia Nenzinha, em Vila Velha - ES. A oficina "Entrelaços: cruzando fios entre o Bispo do Rosário e as crianças" refletiu sobre os conceitos de tempo e memória, desenvolvendo atividades com coleções e acúmulos, buscando ampliar a percepção das crianças para objetos do cotidiano. Tecendo um diálogo com autores que discutem a relação entre arte e infância, fundamenta-se em Canton (2009), Ostetto (2018), Cunha (2018), Góes (2009; 2014), Leite (2006) e Vigotski (2007; 2009). A experiência docente realizada com as crianças reforçou a importância da formação de professores para atuarem neste nível da Educação Básica, compreendendo a necessidade de aproximação destes sujeitos com a estética e a arte.

PALAVRAS-CHAVE

Tempo; Memória afetiva; Criança; Ensino da Arte.

ABSTRACT

The text reflects about the importance of teaching in kindergarten education and an teaching of art/educators, analyzing a workshop experience held at UMEI Tia Nenzinha, in Vila Velha - ES. The workshop Entrelaços: Crossing threads between Bispo do Rosário and the Children, reflect on the concepts of time and memory, developing activities with collections and reuse, seeking children's attention to everyday objects. Weaving a dialogue with authors who discuss the relationship between art and childhood, it is based on Canton (2009), Ostetto (2018), Cunha (2018), Góes (2009; 2014), Leite (2006) and Vigotski (2007; 2009). The teaching experience carried out with children reinforced the importance of teacher training to work in this level of Basic Education, understanding the need for these subjects to approach aesthetics and art.

¹⁹⁷ Helena Pereira Barboza é estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Bolsista do Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo - NAVEES. Proponente da oficina "Entrelaços: cruzando fios entre o Bispo do Rosário e as crianças". Contato: helena.pbarboza@gmail.com.

¹⁹⁸ Margarete Sacht Góes é doutora em Educação, Mestre em Educação na linha de pesquisa Educação e Linguagens, Licenciada em Educação Artística e Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino da Arte na Educação infantil (GEPAEI) e realiza pesquisas sobre o ensino da Arte para esse segmento da Educação Básica, além de produzir materiais educativos e teóricos que contribuem para a formação inicial e continuada de professores. Contato: magsacht@gmail.com.

¹⁹⁹ Julia Rocha é doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto, Mestre em Artes e Educação pela Universidade Estadual Paulista e Licenciada em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Atualmente é professora da Universidade Federal do Espírito Santo. Realiza pesquisa sobre o ensino da arte na contemporaneidade, mediação cultural, relações entre museus e escolas, avaliação de propostas educativas no campo das artes visuais e formação de professores. Contato: pjuliarocha@gmail.com.

KEYWORDS

Time; Affective memory; Children; Art education.

INTRODUÇÃO

Como incluir a arte contemporânea no ensino da Educação Infantil? Em um ambiente escolar voltado para o ensino de arte que transita entre as perspectivas tradicionais ou modernistas, a inclusão da arte contemporânea parece ser um desafio, pois grande parte dos professores que ocupam esses espaços tiveram uma formação que transitou entre esses dois polos. Haja vista que os currículos direcionados aos cursos de licenciatura em Artes Visuais são, em sua maioria, organizados de maneira cartesiana, ou seja, iniciam-se na pré-história e finalizam-se com os modernistas, não adentrando, com profundidade, nas discussões contemporâneas do ensino da arte. De acordo com Cunha (2018)

[...] as crianças são curiosas, brincantes, com capacidade para se maravilhar com o mundo e com seus sons e silêncios, entonações e modulações da fala, com cores, formas, luzes, objetos, movimentos, deslocamentos, modos variados de ocupação de tempos e de espaços, e atuam a partir de um corpo que se arrisca com paixão a essas descobertas e experimentações (CUNHA, 2018, p. 237).

Nesses sentido, se pensarmos que o ensino da arte contemporânea busca o diálogo entre a arte e a vida dos sujeitos, aproximando-os das condições humanas e dos contextos culturais em que estão inseridos, podemos concordar com Cunha. Inferindo que, para as crianças pequenas, um ensino da arte contemporâneo não parece ser tão difícil, haja vista que convoca o corpo todo para a experimentação, para a estesia no seu mais completo modo de ser tocado, atravessado e tomado por todos os sentidos. Nesse contexto, acreditamos que o maior desafio está na formação dos adultos que trabalham com a Arte na Educação Infantil.

Buscamos, então, por meio de atividades de extensão, uma inserção nos espaços da Educação Infantil para, juntamente com os professores, pensarmos propostas de desenvolvimento de projetos voltados para o ensino da Arte, que proporcionem às crianças vivências e experiências estéticas e estésicas. Indo ao encontro da perspectiva da arte como “campo expandido” e como processo, contribuindo assim para romper as barreiras que engessam professores e crianças no contexto da Arte.

Nessa perspectiva, a oficina “Entrelaços: cruzando fios entre o Bispo do Rosário e as crianças”, projeto elaborado no Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo – NAVEES, e realizado na UMEI Tia Nenzinha, em Vila Velha - ES, teve como objetivo trabalhar a arte contemporânea de forma não tradicional com as crianças, para que elas (e as professoras) ampliassem o repertório visual, artístico e cultural.

A escolha do artista Arthur Bispo do Rosário se deu pelo fato de esse artista transitar pelo campo da escultura, do bordado, da escrita e da assemblagem, a partir de um contexto muito próprio, marcado pelas suas memórias afetivas, suas dores, seus sonhos, suas ideias e suas realidades. Conflitos humanos que nos colocam diante da arte e da vida como sujeitos incompletos e contemporâneos. Bispo do Rosário era negro, nordestino e diagnosticado com esquizofrenia, revelava em suas obras uma maneira muito própria de ressignificar os objetos e a própria produção artística.

Com objetivo de entrelaçar as obras do artista e a produção das crianças, propusemos atividades com coleções, acúmulos, bordados, confecção de manto semelhante ao desenvolvido pelo artista durante sua vida e desenhos, incluindo o universo infantil no projeto, para que as crianças participassem das experimentações e ampliassem seus repertórios de atuação em relação a produção artística.

ENTRELAÇANDO FIOS E IDEIAS COM “LINHA AZUL”

Bispo do Rosário reorganizava de maneira criativa e lúdica o austero mundo real em que se encontrava. Por meio de suas coleções, afetos e acúmulos, tornava o espaço em que vivia acolhedor, pois tudo o que trazia para o quarto em que habitou durante anos tem um sentido muito próprio, que se relaciona com sua vida. Busca na memória os nomes das pessoas com as quais conviveu, lugares pelos quais passou e que permaneceram intensos, como marcas indeléveis em suas lembranças. Por meio da descostura dos uniformes azuis utilizados pelos internos da Colônia Juliano Moreira, onde viveu por quase cinquenta anos, costura seus mantos, jaquetas e (re)elabora seus objetos. A partir da linha azul, material de trabalho e cor que marca sua obra, Bispo do Rosário dialoga com o mundo exterior e com a arte de forma sensível e única.

Assim, a partir da metáfora da linha azul, buscaremos entrelaçar ideias de autores que pensam o ensino da arte para as crianças e sobre a produção artística delas em um contexto

historicizado. Ao pensarmos no trabalho de Bispo do Rosário em diálogo com os processos artísticos infantis, destacamos inicialmente o pensamento de Cunha (2018, p.236), quando reflete sobre a relação adulto-criança e infere que “[...] a arte e seus processos de criação colocam-se como um caminho para a aprendizagem artística de crianças”. A autora continua, afirmando que isso ocorre porque tal abordagem “além de se fundar na arte como área de conhecimento, mostra-se mais consonante com as crianças pequenas e seus modos de construir saberes” (CUNHA, 2018, p. 236).

Destacamos que, além da discussão política sobre a compreensão de que a arte é uma área de conhecimento, a autora nos coloca a possibilidade de ampliarmos o repertório das crianças com o estudo e a apropriação de conhecimentos que têm por base a arte produzida por adultos, em um contexto histórico-cultural, contrapondo então a ideia modernista de que a arte adulta era nociva aos processos de criatividade das crianças.

Esse é um ponto fulcral nas práticas pedagógicas, considerando-se que muitos profissionais da área da educação influenciam nas experimentações e nas produções das crianças, devido a uma perspectiva teórica que limita a atuação do professor nos processos de mediação. Nessa perspectiva, vê-se a necessidade de levarmos proposições diferentes para as salas de atividades. Além desses aspectos, evidenciamos que a arte precisa perpassar mais intensamente na formação dos professores, porque, tal como afirma Cunha (2018, p. 237), ao terem a oportunidade de aprender arte no seu percurso de formação para a atuação na Educação Infantil, os professores “reconfiguram seu perfil profissional ao compreenderem as relações que existem entre os processos de criação artística e os modos de ser e de aprender de crianças pequenas”.

Cunha (2018) ressalta a importância de oferecer às professoras em formação momentos em que possam vivenciar a arte, pois isso reverberará nas práticas com as crianças. Por isso, o que estamos propondo aqui é ir além da formação inicial, é dar possibilidades para os/as professores/as que já estão inseridos nas instituições de Educação Infantil há muito tempo experienciem a arte juntamente com as crianças, em um movimento dialético de ensino aprendizagem, haja vista que é “[...] preciso observar e ouvir mais as crianças, criar laços, estabelecer diálogos e conduzir o trabalho fundado nessa postura ética, respeitadora delas” (CUNHA, 2018, p. 239).

Concordamos com a autora, pois compreendemos que as ações das crianças são importantes para o educador e que nesse movimento há um estímulo às suas experiências e compartilhamentos da expressão artística, levando o professor a perceber que, no ensino da arte, ele não precisa controlar tudo ou dar modelos, mas coparticipar, estar junto com as crianças.

Outro ponto importante para dialogarmos a partir da obra do artista é a perspectiva da arte como estesia, como atravessamento de corpo inteiro, que acontece na interação com o outro por meio das experiências vividas e imaginadas, que contam nossas histórias a partir de suas singularidades e afetos. Para Ostetto (2018):

Atravessados pelas referências dos grupos sociais aos quais pertencemos, em tempos e espaços históricos, vamos nos apropriando de modos de ser, pensar e sentir, formas particulares de significar o mundo; por meio de experiências, hábitos e valores compartilhados com eles, vamos nos formando esteticamente, constituindo repertórios vivenciais e socioculturais que abrem ou fecham as possibilidades de inventarmos formas, cores, sons, gestos, histórias, de imaginarmos e de reinventarmos a própria existência (OSTETTO, 2018, p. 168).

Podemos dizer que as crianças, assim como Bispo do Rosário, são atravessadas cotidianamente pelas referências dos grupos sociais com os quais convivem em diferentes espaços-tempos. E assim vão se apropriando desses contextos histórico-culturais onde estão inseridas, constituindo suas identidades e significando formas de ver, sentir e pensar o mundo. Nessa direção, quando pensamos que o espaço da arte extrapola as paredes da sala de atividade e os muros da escola, estamos defendendo um conceito contemporâneo de arte, que rompe as barreiras espaço-tempo. Fundamentadas em Canton (2009), coadunamos com a ideia de que

O tempo contemporâneo surge como um elemento que perfura o espaço, substituindo a sensação de objetivação cronológica por uma circularidade plena de instabilidade. Turbulento, esse tempo parece fugaz e raso. Retira as espessuras das experiências que vivemos no mundo, afetando inexoravelmente nossas noções de história, de memória, de pertencimento (CANTON, 2009, p. 20).

Essa retirada dos espaços destinados ao tempo da experiência, do ócio, da lentidão no fazer, no fruir e no ser, desloca as experiências das crianças para o aqui e o agora, não dando tempo para que elas possam rememorar, lembrar, fazer conexões, serem criativas e inventivas. Possivelmente, o tempo foi o grande amigo do Bispo, tendo em conta que

dentro da Colônia Juliano Moreira passava lentamente, dando-lhe espaço-tempo para realizar suas produções e rememorar suas histórias.

Diferentemente desse artista, os espaços escolares definem hora dia e local para a produção da arte, retirando muitas vezes a oportunidade das crianças vivenciarem verdadeiramente os processos de criação e de rememorar, como Bispo do Rosário, as experiências individuais e coletivas. A arte pode atuar dentro da rotina escolar de maneira a questionar esses limites de tempo e produção, sobretudo no âmbito da educação infantil. A aproximação com a produção artística propõe às crianças uma vivência de experimentação, que reconfigura a noção espaço-tempo das escolas.

Leite (2006, p. 76) também discute temas como memórias e descobertas, aponta que “[...] o acervo imagético do sujeito como toda a memória do que foi visto/ouvido/ sentido por ele” é que possibilitará “[...] a incorporação de novas imagens”. Assim,

[...] falar de arte e memória é falar de tempo-espaço numa perspectiva não-cronológica. É dizer de conhecimento, privilegiadamente, estético e poético. É discutir subjetividade e significação. É problematizar a cultura como processo e como produto do homem em suas múltiplas relações e atribuições de sentido. É perceber o registro artístico como possibilidade de deixar rastros e, assim, registrar uma época (LEITE, 2006, p. 80).

Para Leite (2006), o registros artísticos deixam rastros, registros de uma época, para Góes (2009) os desenhos das crianças deixam as marcas da cultura, de um local, de um afeto, das memórias, lembranças reais e até mesmo inventadas. Nesse contexto, os desenhos infantis são compreendidos por Góes (2009) como linguagem, como enunciados que se constituem nas relações interpessoais e que são carregados de sentidos, pois trazem, intrinsecamente, o cotidiano e a vida das crianças marcadas pela cultura em que elas vivem, pois “[...] Todo desenho e toda escrita têm um sujeito, cujos discursos são carregados de expressividade e de sentidos socialmente elaborados, isto é, discursos compostos por vários discursos, que carregam em si saberes diversos” (GÓES, 2014, p. 50).

Ressaltamos que, ao considerarmos os desenhos ou qualquer outra produção infantil a partir da perspectiva histórico-cultural, partimos do pressuposto de que o pensamento humano é construído nesse ambiente, que é essencialmente social. Essa perspectiva teórica foi também balizadora da escolha pelo artista trabalhado na oficina analisada no presente texto, tendo em vista a relação da interferência do contexto social na produção de Bispo do Rosário.

Outro ponto fulcral é que o desenho infantil também tem relação direta com a memória. Para Vigotski (2007), a criança desenha de memória, desenha o que sabe sobre o objeto e não o que vê de fato; assim, um único rabisco pode ter significados diversos, pois dependerá de seus enunciados. O autor afirma que inicialmente a criança desenha e depois fala sobre o que desenhou, sem intencionalidade de representação da realidade. Posteriormente, ela desloca sua fala do final para o início do desenho. Dialogando com Vigotski (2007), Góes infere que

A criança só consegue simbolizar quando desloca sua fala do final para o início do desenho, antes de realizá-lo. Ao planejá-lo, trazendo sua fala para o começo, ela sinaliza que existe uma intenção e, nesse sentido, a fala começa a ordenar o desenho e a criança compreende que o desenho é uma representação do objeto e não o objeto em si mesmo. Nesse processo de mudança, de transformação, a criança demonstra que tem condições de simbolizar, ou seja, de agir com os elementos e as informações que foram histórica e culturalmente construídos, e essa aprendizagem é sustentada pela linguagem verbal e mediada pelo outro (GÓES, 2014, p. 25).

Refletiremos, então, sobre um último ponto, que é a mediação. Reafirmamos a necessidade de uma mediação qualificada, para que a criança, em um movimento dialógico e dialético, possa se apropriar da cultura produzida pela humanidade no decorrer da história. Essa mediação só pode acontecer por meio da interação verbal.

REINVENTANDO O ENSINO DA ARTE A PARTIR DO ORDINÁRIO

Bispo do Rosário buscava ressignificar objetos ordinários, colecionados cotidianamente, dar a eles uma outra possibilidade de serem vistos e também que eles se deixassem ver, assim nos fazia evocar lembranças e afetos a partir de suas obras. Isso foi o que nos motivou a explorar a produção artística dele juntamente com as crianças e a professora. Inicialmente, nos inserimos nas salas de atividades do grupo 5 para fazer o reconhecimento da escola, professores e crianças, participando da rotina, das atividades, das brincadeiras e das interações.

A UMEI Tia Nenzinha funciona em uma casa antiga, que foi transformada em Unidade Municipal de Educação Infantil. As adaptações realizadas para acolher as crianças demonstram afetos e cuidados. As salas pequenas recebem poucas crianças, porém, emergem em nossa memória uma mulher que lutou para que as crianças de um bairro simples tivessem acesso a um espaço que lhes proporcionassem aprendizagens diversas.

Esteticamente, o ambiente escolar mantém um padrão ambíguo, que transita entre as teorias tradicionais do ensino da arte - com imagens fotocopiadas e desenhos estereotipados - e a modernista, com alguns desenhos das crianças na sala de atividades. Retomamos, então, a necessidade de trabalharmos uma concepção de ensino da arte contemporâneo, cujos projetos possibilitem que as crianças possam relacionar arte e vida, ampliando seus repertórios artístico-culturais. Assim, trouxemos Bispo do Rosário para tentarmos desconstruir, respeitosamente, algumas noções que encontramos nos espaços da Educação Infantil em relação ao ensino da Arte.

Os encontros foram todos entrelaçados pela presença de um manto que era vestido pela oficinaira. Este foi produzido com o intuito de registrar, ao longo dos quatro encontros, o processo de aproximação com a produção de Bispo do Rosário e de conceitos-chave da arte contemporânea. Em cada um dos dias de realização da oficina, materiais eram acrescentados ao manto, a fim de ressignificar aspectos que são latentes na produção do artista, como o colecionismo e a memória. O ato de trajar o manto também funcionou durante o processo como uma estratégia lúdica de envolver as crianças do grupo no percurso que foi sendo feito durante a oficina.

O manto foi produzido com algodão cru e bordado com materiais de aviamentos, mas no decorrer do processo foi complementado com acúmulos desenvolvidos, privilegiando sempre a reutilização de materiais. Este exercício era feito tanto pelo ato de desdobrar práticas semelhantes as do artista, quanto para ressignificar para as crianças e professoras a ideia de que arte se produz apenas com materiais próprios e específicos para tal. O propósito era produzir tal como outros artistas contemporâneos, com materiais reutilizados e com criação de novos sentidos.

Iniciamos nossa intervenção na roda de conversa, contando a história do artista e aproximando as crianças das ideias que Bispo do Rosário tinha para poder imaginar e criar. Neste momento foram apresentadas imagens de trabalhos do artista - a partir de material educativo elaborado para exposição no SESC Glória - visando cumprir o objetivo de ampliação do repertório imagético das crianças.

Parte do processo acompanhava a rotina estabelecida pela professora da turma, mas a existência do manto gerou um grande interesse por parte das crianças, que se

demonstravam curiosas com o paramento da oficina. À semelhança de uma das imagens mostradas na roda de conversa em que contou-se sobre a vida e a obra do artista, as crianças redigiram seus nomes no manto, iniciando o processo de interferência e registro que aconteceria em todos os encontros que se seguiram.

O segundo encontro aproximou-se mais das produções de Bispo do Rosário em formato tridimensional, utilizando a técnica de assemblagem. As crianças retomaram as imagens apresentadas no dia anterior, rememorando o que tinham ouvido na roda de conversa. A partir da identificação de trabalhos feitos com remontagem de objetos cotidianos, elas foram orientadas a criar um artefato escultórico coletivo, formado pela colagem de diferentes materiais. Dentre eles estavam: tampas de garrafas e latas, fragmentos de embalagens, flores de plástico, retalhos de tecido e um guarda-chuva. Este último foi sugerido pela professora da turma como suporte para o trabalho coletivo, ao qual foram adicionados os diferentes materiais.

Foi interessante perceber, neste processo, o quanto as crianças conseguiram produzir sem se apegar a princípios básicos da representação. O objeto de assemblagem foi sendo criado sem que houvesse um compromisso com a figuração de algo concreto ou a nomeação do que se estava desenvolvendo. Esta construção pode ser resultado do processo que foi elaborado durante o encontro anterior e na orientação, afinando-se com questões pertinentes à arte contemporânea e à produção do artista. Ao final deste encontro, as crianças usaram os mesmos materiais da assemblagem como ornamento do manto, a fim de registrar este dia de oficina e de tornar memória também o uso desses acúmulos.

Na produção dos dois encontros seguintes, continuamos privilegiando a ideia de reaproveitamento de materiais, que era cara para a produção de Bispo do Rosário, mas, desta vez, apropriando-se da linguagem do bordado. As crianças foram questionadas se já haviam experimentado esse exercício, e a maior parte disse que seria a primeira vez. Como metáfora para o exercício de desfazer tecidos previamente construídos, prática recorrente em produções do Bispo, que desfazia os uniformes azuis para a utilização das linhas, na oficina, as crianças receberam pequenos quadrados de crochê previamente produzidos, para que pudessem - tal como o artista - desfazer a trama, conquistando sua própria linha azul. Essa associação foi explicada no início do encontro.

No decorrer dessa produção, foi preciso uma orientação constante por parte das professoras, mas houve autonomia das crianças em relação às escolhas. Uma parte delas desenhou com a linha, criando imagens figurativas, e a outra parte experimentou livremente o exercício, sem recorrer à representação. No processo foi interessante perceber que algumas crianças incluíram grafismos de letras, identificando a associação com o período de alfabetização que vivenciam.

Seguindo a rotina das atividades desenvolvidas na rotina da turma, essa prática foi concluída com uma roda de conversa, na qual foi realizada uma avaliação da proposta. As crianças afirmaram que se identificaram com o exercício do bordado, disseram que foi relaxante trabalhar com essa linguagem. Nesse momento, foi explicado que cada um dos bordados seria fixado no manto, como registro do processo de aproximação com a obra de Bispo do Rosário que estavam desenvolvendo.

O quarto dia da oficina foi destinado a preencher o manto, desta vez pensando na relação do manto com os sonhos. Nesse processo, as crianças utilizaram o tecido do manto como suporte para a colagem de materiais - tal como feito no segundo encontro - além de terem criado narrativas sobre todo o processo representado pelos materiais que tinham adicionado e criado em cada um dos encontros. Os sonhos foram representados na oficina por meio de desenhos produzidos em paralelo à ação de interferência no manto. Por fim houve um momento de partilha dos resultados, com relatos das crianças sobre seus sonhos e a relação estabelecida com o trabalho de Bispo do Rosário durante a oficina.



Figura 1. Processo da oficina “Entrelaços: Cruzando Fios entre o Bispo Do Rosário e as Crianças”. Fonte: NAVEES – Núcleo de Artes Visuais e Educação do Espírito Santo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada na oficina “Entrelaços: cruzando fios entre o Bispo do Rosário e as crianças” possibilitou uma vivência de aproximação com o campo da arte e com conceitos

da arte contemporânea que, primeiramente construiu-se como um importante exercício de formação docente, uma vez que a concepção e realização foi executada por uma estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais, orientada por duas professoras. A formação de arte/educadores constituiu-se, em primeira instância, nessa triangulação de desenho do projeto da oficina. O processo de concepção da proposta, projeção das ações e posterior realização é de extrema relevância para a construção de uma identidade como arte/educador.

A formação de professores de artes para atuarem na educação infantil se colocou como uma questão de extrema relevância para a oficina, diante das especificidades que envolvem essa área de conhecimento e das diversas contribuições que a formação estética pode promover para o desenvolvimento das crianças. A aproximação com imagens e sua apropriação por meio da leitura visual é exercício preponderante para o desenvolvimento na educação infantil.

Essa formação também se constrói com os professores que atuam nessas unidades. No contexto de realização da oficina, identifica-se a necessidade de processos de arte/educação para os educadores da educação infantil. A necessidade de aproximação com a estética e a arte é comum às crianças e aos professores.

Referências

CANTON, Katia. **Tempo e Memória**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CUNHA, Sandra Mara da. Crianças fazendo Arte: processos de criação artística e formação profissional docente para a Educação Infantil. In: **Unisul**, Tubarão, v.12, n. 21, p. 235-250, Jan/Jun 2018. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/index>> Acesso em 29 de junho de 2019, às 14h35min.

GÓES, Margarete Sacht. **As marcas da cultura nos desenhos das crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 2009.

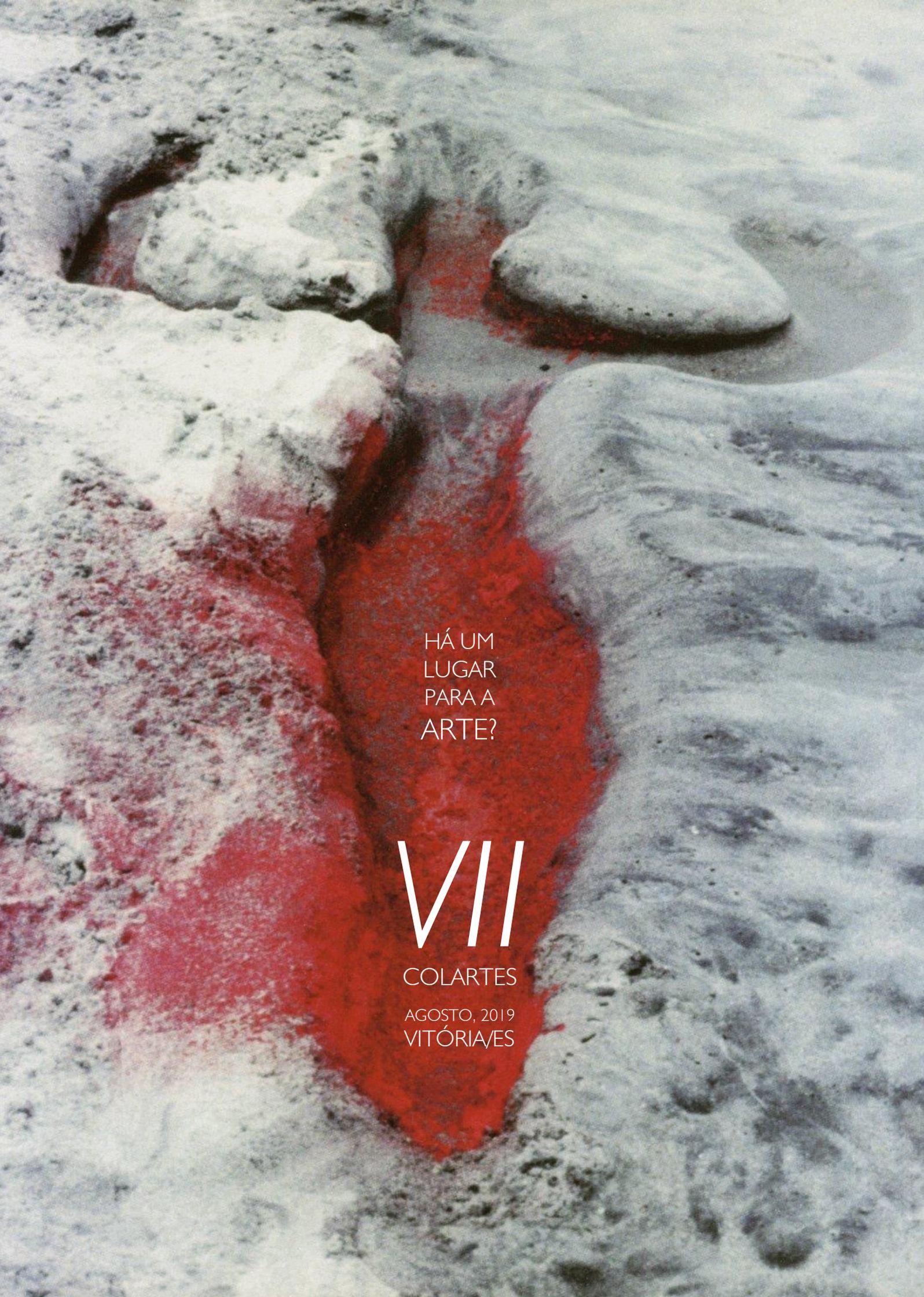
_____. **As relações entre desenho e escrita no processo de apropriação da linguagem escrita**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, 2014.

LEITE, Maria Isabel. Crianças, velhos e museu: memória e descoberta. In: **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a07>> Acesso em 26 de dezembro de 2017, às 17h09.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. No novelo da memória, atravessamentos do sensível: tornar-se. In: **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 11, n. 2, p. 166-191, mai./ago. 2018.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A imaginação e a Arte na Infância**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.

_____. **A formação social da mente.** Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.



HÁ UM
LUGAR
PARA A
ARTE?

VII

COLARTES

AGOSTO, 2019
VITÓRIA/ES



VII COLÓQUIO DE ARTE E PESQUISA DOS ALUNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

HÁ UM LUGAR PARA A ARTE?



ORGANIZADORES:

Lindomberto Ferreira Alves

Jessica Dalcolmo

Rosemery Casoli

Paulo Santos Silva

Gabriela Ferreira Lucio

Centro de Artes (CAR) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória/ES, agosto de 2019

(CIP) DADOS INTERNACIONAIS DE PUBLICAÇÃO DE FONTE

Colóquio de Arte e Pesquisa dos Alunos do Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (7. : 2019 : Vitória, ES).

C719a

Anais [...] COLARTES: Há um Lugar Para a Arte? 20 a 22 de agosto de 2019 / Organizado por: Lindomberto Ferreira Alves, Jessica Dalcomo, Rosemery Casoli, Paulo dos Santos Silva, Gabriela Lucio Ferreira. Vitória: 2019. 796 p. ; il.

Inclui referências.

ISSN - 2316-963X

I. Há um lugar para a arte. 2. Teoria e história da arte. 3. Pesquisa em arte. 4. Crítica em Arte. 5. Estética (Arte). 6. Cultura. I. Alves, Lindomberto Ferreira; II. Dalcolmo, Jessica; III. Casoli, Rosemery. IV. Silva, Paulo dos Santos; V. Ferreira, Gabriela Lucio; VI. Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Artes.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

A presente documentação é um desdobramento do VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?, realizado nos dias 20, 21 e 22 de agosto de 2019 no Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, organizado pelos alunos da Turma 2018/I do Programa de Pós-Graduação Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

O teor dos textos aqui reproduzidos é de inteira responsabilidade de cada um dos autores.

Capa: Ana Mendieta (1948-1985). *Untitled (from the Silueta Series)*, 1976. 9 color chromogenic prints, 20 × 16 in (50.8 × 40.6 cm). Richard Saltoun Gallery. Mayfair, Londres.